

José luís simões da fonseca

**O MEU PAÍS
LONGÍNQUO**

Poço dos Negros Editora

**“Give me that man that is not his passions’ slave.
I will wear him in my heart’s core. Ay, in the heart of the heart.”**

(William Shakespeare in Hamlet)

Prefácio

Isto é um caos de estrelas polares, um dicionário, várias dedicatórias e prefácios sob a forma de introdução e ainda algumas canções e contos mais ansiedade e narcisismo.

O autor

Introdução

(Várias dedicatórias e prefácios)

1.

Conheci-o depois de se suicidar, de morrer.
Era seco, chorava sem lágrimas a correr.
Amigo, chamei-lhe
Irmão e contei-lhe

2.

Nasceu e morreu, viveu também,
Nem alto nem baixo
Foi só ele

3.

Vi-a desprender-se do Morro do Sítio
Bater em pedras cada vez mais duras
Até morrer estreçalhada na terra.
Fui salpicado pelo sangue dum réptil cortado
Olhei, senti que suave.
O Sítio ainda em mim continua

4.

Calma, flexível, generosa
quando te entregas
e tomas a forma que precisam que tomes
os que precisam de ti
tu que estás presente
nos que lutam por ti
ou contra ti
como chuva que traz o frio
mas na Primavera faz nascer as fontes

depois de atravessares
a podridão subterrânea
tu estás em nós
mas nós ainda esperamos por ti
Paz.

5.
Stabat Mater
Choro de Maria

Não é por Ele que eu choro
Ele morreu mas ressuscitou
Ele está vivo ainda que não volte para junto de nós.
Eu choro aqueles que são infelizes.
Eu choro aqueles que são felizes.
Eu choro aqueles que têm sucesso junto dos outros.
Eu choro aqueles que morrem no mar.
Eu choro aqueles que são ricos em explorar o mar.
Eu choro aqueles que exploram a terra.
Eu choro aqueles que ficam sepultados pela terra no sítio onde trabalham.
Eu choro aqueles que sofrem de dor.
Eu choro aqueles que vivem com saúde.
Eu choro aqueles que amam.
Eu choro aqueles que odeiam e o expressam.
Eu choro aqueles que têm sede de justiça
Eu choro aqueles que só pensam em injustiça.
Eu choro os políticos que estão sempre a mentir.
Eu choro os políticos que estão sempre a dizer a verdade.
Eu choro os que são fracos e vítimas de opressão.
Eu choro os opressores.
Eu choro os que têm fome e sede.
Eu choro aqueles que morrem da abundância.
Eu choro aqueles que vivem sem amor.
Eu choro aqueles que amam e perdem esse amor.
Eu choro aqueles que vão morrer.
Eu choro por aqueles que vão nascer.
Eu choro pelo futuro.
É por Ti que eu choro.

Índice

I Introdução (dedicatórias e prefácios)

II Nó Cego

2.1 Coleccionador de Angústias

2.2 Vida e Natureza

2.3 Jogos de Amor e de Sedução

III Quando nós sonharmos de entre os mortos

3.1 Tubarões – dezanove variações sobre o tema da cantata de João Sebastião Bach
“Ich habe genug” na forma de contos breves

3.2 Faunos e Ninfas – dezasseis variações sobre o tema “O amor possível” na forma
de contos breves com uma ténue relação com os “Canterbury Tales” de Chaucer

3.3 Águias, Leões e Dragões

NÓ CEGO

COLECCIONADOR DE ANGÚSTIAS

I

Havia dois remédios muito parecidos
Um para o ácido úrico, o outro para a insuficiência cardíaca
O filho diz-me “Como pôde parar o remédio ao meu pai?”
Entretanto o doente morreu

II

Entro no bloco operatório, a enfermeira conduz-me segurando a minha mão
“Dispa-se” diz-me, eu dispo-me completamente
ela veste-me uma bata ligeira e dá-me umas sapatilhas.
“Venha comigo” e conduz-me pela mão até à sala de operações
Vou ser operado aos meus olhos com anestesia local
Faz-me subir para a mesa de operações, “Doutor, quer que lhe amarre as mãos?”
Fico muito angustiado mas digo “Não, mas se tiver muitas dores faço força numa mão
contra a outra”
O ar condicionado mantém a temperatura muito baixa
sinto-me gelado e não é só da ansiedade
Os minutos passam. Estou só com a enfermeira
Ao fim de um quarto de hora entra o médico a correr
“Desculpe o atraso, se calhar já disse mal de mim”
“Doutor, não me parece que esta seja a melhor ocasião para dizer mal de si”
“Pois não é, não. Vou agora operá-lo”
espeta-me uma agulha na esclerótica, mas com surpresa não me causa dor.
Assim continua até que tudo termina.
Afinal não havia motivo para ter medo
Não senti qualquer dor.

III

Tenho seis anos e estou a brincar com os meus primos
À beira de um tanque cheio de água que vou empurrando com as mãos.
De repente desequilibro-me e caio e fico completamente submerso
É estranho mas não sinto angústia
Não me lembro da falta de ar
É a calma de quem diz: “Vem, vem doce morte”
Os meus olhos vêem girinos nadando à volta
As cores do dia luminoso são apenas manchas esverdeadas
Com claridade de outras cores
Todos os meus primos fugiram cheios de medo
E eu vou morrer
A minha irmã segura-me pelo chapéu
Tira-me para fora
Estou salvo
Como foi possível não ter tido medo?

IV

O meu médico disse-me “Colega, lamento muito ter que lhe dizer...”
“Eu sei. Vou ter mais dois ou cinco anos de vida. Tenho um cancro no pulmão”
Quem sabe se continuarei a gostar de ouvir música e de ler
Tenho uma nova filosofia de vida
Agora um dia é a medida do meu futuro. E isso em cada dia
Consigo manter-me jovial e ter um prazer novo em viver
E na companhia daqueles que amo
As semanas passam
Estou sem sintomas
O meu plano de sobrevivência está a ter resultados
Tenho qualidade de vida
Mas logo a tosse, as dores, a falta de ar recomeçam
Eu sei que a doença está a entrar numa nova evolução cada vez mais total
Aquilo que as pessoas dizem irrita-me
Não suporto as suas conversas
Como é possível preocuparem-se com tais ninharias ao lado do meu sofrimento
Não suporto a presença deles
A minha única preocupação passa a ser não sentir dor e estar meio adormecido
Numa espécie de torpor que a pouco e pouco se vai transformando numa tristeza
indizível
Já nada me interessa nem de nada quero saber
Para mim já morri. Aquele que eu era.

V

Estou profundamente triste
Entro no poço
Vou descendo por degraus estreitos
Ao longo da parede
Cada vez mais usados e mais finos

VI

Saio à rua
As pessoas seguem-me
Prazeres no meu corpo
Instantes que transmitem todos os meus pensamentos
Mesmo os mais inconvenientes
Felizmente há vozes

VII

Estendi-te a mão
E tu recusaste
Coisa banal
Como poderias dar-me a mão
Se tens apenas pés, perguntei
Mas se em vez dos braços
Me tivesses abraçado com as tuas coxas
E se em vez das mãos
Tivesses usado em mim
Os teus lábios
Como poderia eu recusar como impossível
Essa possibilidade

VIII

Para nadar na tarde de Julho
Até à Pedra da Anicha
Está tão perto
Puro erro de perspectiva
Está longe
O seu tamanho aparente
Fá-la parecer perto
Sinto-me entre o sim e o não
Em decidir
Se vou conseguir
Voltar à praia
Grito por socorro
Ao barco a remos
Que passa perto
A minha voz não é ouvida
O meu braço não é visto
Os meus dedos frios e inteiriçados
Vou deixar-me afogar
Um ruído soa aos meus ouvidos
Os meus companheiros socorrem-me
Levam-me para o calor
E dão-me aguardente

IX

Sentaram-se com bastões e deram-me choques eléctricos até eu ficar insensível.
Enfiaram-me uma burka na cabeça
Deram-me uma injeção espetando através da roupa
Subitamente sinto-me relaxado, sem forças para resistir e sem medo
Pegam em mim numa maca e atiram-me para dentro de uma carrinha
Onde já estão estendidos outros corpos como o meu
Conduzem-me ao avião e amarram-me ao assento
Vou a caminho de Guantanamo
Acorrentado nas mãos e nos pés
Humedecem-me os lábios como fizeram a Cristo na cruz
Aterro em Guantanamo continuando sem te ver, sem saber nada
Levam-me para uma cela de dois metros quadrados
Tiram-me a burka, mas mantêm-me acorrentado
Deixam-me ficar só
No dia seguinte sou chamado para interrogatório
Querem saber tudo, desde o meu nome até à unidade em que combatia
Não respondo. Então envolvem-me a cabeça com panos molhados
De maneira que eu não possa respirar e perca consciência por sufocação
Entro em pânico, mas não penso que vá morrer
eles apenas querem torturar-me
Se responder a tudo o que eles querem perderei interesse para eles
Poderão matar-me
Penso então – já fiz mergulho submarino,
Se mantiver a calma o único sofrimento será a sufocação e a perda de consciência
Já me dispus a morrer
Eles dizem-me – “Não vais sair daqui vivo. Confessa tudo o que nós queremos
E não serás mais torturado. Apenas te enforcaremos”
O interrogatório acabou
Levam-me para outra cela
Mantêm-me de pernas flectidas e os pés e as mãos acorrentados ao chão
Se tento sentar-me batem-me com os bastões
Declaro apenas o meu nome e digo
“Sou combatente do Islão. Tenho direito a ter um advogado”
levam-me de novo para outra sala e voltam a sufocar-me
eu continuo a nada dizer porque o meu valor é muito mais alto
se mantiver a minha informação incomunicada talvez sobreviva

X

Na mágoa sem remédio de perder-te
Os meus demónios revoltam-se
Devoram o meu corpo
Ultrajam a minha alma
Já não é gostoso dardo de Eros
Que atravessa o meu corpo
Mas um doloroso arpão que me prende a ti
Decido tentar a roleta
Armo a minha Mauser e encho-me de coragem desesperada
Encosto-a ao meu coração entre duas costelas
E disparo. Estou vivo.
Expludo de alegria
Nunca mais vou disparar contra mim e estou livre de ti

XI

Na luz poente
Um dinossaurio mergulha no mar
No Portinho da Arrábida
E as ondas que ele causa
Vêm em fieira de linhas paralelas de espuma branca
Com traços rectilíneos até à praia de Galápos
Mas logo o luar nasce e as faíscas no mar
São como lantejoulas de bom gosto
Que revestissem com o seu vestido
As formas do teu corpo
E a ondulação do mar
São os teus doces movimentos
A luz do Seagull é o teu colar de diamantes
E a luz nas suas janelas, o brilho dos teus olhos
Entre os ruídos das vagas ouve-se música de jazz
É talvez a tua voz que conta os teus amores
E quem sabe talvez os seus desejos
Tu és o próprio Amor
Sem uma encarnação em corpo humano

NATUREZA E VIDA

XII

A corrente oceânica choca
Contra a costa norte de Porto Santo
Divide-se em duas que correm em sentidos opostos ao longo da ilha
Ate atingirem a costa sul
Acelerando cada vez mais
Elas caminham como duas locomotivas na mesma linha
Ate chocarem com medonho estrépito
Lá onde existe uma anta
No meio do mar junto à costa
Como num desastre ferroviário
Mas sem pedaços de metal distorcidos
A enorme rocha está limpa de limos
O seu vulto negro permanece visível
Na translucidez das altas vagas
De vinte metros de altura
Que se desfazem em cordões de espuma
Que se enrolam na pedra como colares brancos
Os mesmos que Afrodite usa
Para tornar ainda mais belo
O seu corpo nu
Que se requebra insaciável
Pela cintura porque
Para possuir Eros
Tem que ser também possuída
E nunca se rende ou cansa
Tal como a força do mar

XIII

Na Praia Grande as ondas
Caminham disciplinadas para a praia
Como num exercício de sapadores na planície
À frente os espiões
Logo atrás os cavaleiros
E ainda depois os pesados e lentos
Carros de assalto
Eles avançam e recuam aplanando a praia como se preparassem
O terreno para uma batalha
Frontal.
Avançam e recuam, mas logo enormes ondas transversais
Chocam contra eles sem recuar
Erguem-se os cavalos que se empinam ferozmente
E destroçam a disciplina e a ordem
mas não para sempre.
Logo tudo recomeça

XIV

No meio do pinhal
Crescem os medronheiros
Com vermelhas bagas que pendem
De ramos que pareciam secos
O velho Dionysos está sonolento
Embriagado depois de ter comido
Os doces frutos.
As iniciadas
Cantam o seu hino de sedução
Com os lábios e a cara tintos de roxo
Elas pensam que lhe basta usar a sua liberdade: ainda não sabem
Que não sofreram a primeira morte e os seus desenganos
E que o breve prazer é fútil e inútil

XV

Nos planetas que não são gasosos
O ciclo vai em meio
E em metade da superfície nasce a noite
Na escuridão há amor e morte
E o grotesco insecto
Sai das sua toca escura
Grotesco como uma marionete
Caminha para devorar os inimigos
Para sempre só no mundo

XVI

Na lisa praia
De areia branca
Juntam-se os destroços
De mil naufrágios
Que destino juntou destinos tão díspares
Que lógica sobrehumana
Encontrou a moeda única
Que é o sentido igual
De histórias tão diferentes

XVII

Até as plantas rasteiras
Traçam complexos caminhos
Como se de uma floresta se tratasse
O mundo repete-se na sua constante mudança

XVIII

Amo-te no calor do Verão
Enquanto o mar só, na praia
canta à terra uma canção
De som quente mas azul transparente e muito frio

XIX

Vou deitar-me a dormir
Num sofá de comodidade
Entreter-me a catar
Uns pruridos de liberdade
Olhando o céu cada vez mais anil
Desdenhando a planta rasteira
E do vinhedo retorcido
A ainda verde baga inútil

JOGOS DE AMOR E SEDUÇÃO

XX

Portas-te como uma deusa e assim vives sem tempo
Todos temos uma parte divina
Porque senão não haveria vida eterna
Assim, se eu tenho o dobro da tua idade na vida terrena
Se fosse nela que te amasse poderias alegar que não és edipiana e por isso não estás
Disposta a amar carnalmente o teu pai
Mas se eu morrer de amor por ti
Entrarei na eternidade
Poderei amar e ser aceite por qualquer deusa da idade que passei a ter

XXI

Se a tua voz soasse
Clara em frescura como a
Água da límpida cascata
Mas sensual e grave
Como as curvas do teu corpo belo
Então o teu corpo seria o meu único convento
Onde em formosura lenta
A eternidade seria para mim
Um só instante

XXII

Mais doce e voluptuosa
É a penetração consentida pela pessoa amada
Que prazer terias numa eternidade
Não seria senão
O dos amantes por um instante
Abraçados
O prazer nos conduz de novo
A uma efémera eternidade
A eternidade é a qualidade de um tempo sem tempo

XXIII

Mexer numa pedra
Mexer numa coisa qualquer
Mexer numa mulher
É tudo questão de alavanca
Se as mulheres assumissem
Aquilo que realmente pensam
Não haveria moral possível,
Disse-me Arquimedes

XXIV

Do símbolo amável e forte
Para tão longo fálico esforço
Como pôde o pérfido
Insinuar-se em tão ténue espaço?

XXV

Só luminosa é a morte
Senão lua cheia de
Satisfação feliz
Os automóveis são o lixo rápido
Fazem morrer lentamente
A paixão amorosa
Que por si mesma acabaria por consumir-se

XXVI

O teu riso claro, transparente, malicioso
Juvenil e cristalino
É o vinho que eu prefiro beber
Os teus lábios e a tua língua
São água refrescante enquanto escaldante
Os teus seios são como as colinas do monte Ararat na Turquia com uma aureola de neve
negra no cume
As tuas coxas são suaves e macias mas
Firmes como morena cõeada de pão acabado de fazer
O teu suor quando amas
É como óleo de girassol
Que se derrama sobre as tuas costas
Quando reclinada as tuas pernas são uma auto-estrada
Onde corre caprichosamente o Ferrari cor de pele
Que transporta todos os meus sentidos
O teu pescoço é onde prefiro cravar os meus dentes sem morder
Como operário diligentemente
Satisfarei os teus desejos e as
Tuas relações mais profundas dia e noite e sem descanso
Como proprietário
Eu vigiarei cheio de ciúme os teus olhares e movimentos da tua cabeça
Temendo que te roubem
Como polícia vigiarei os teus ilícitos e ardis subtis
Como advogado defender-te-ei contra toda a evidencia
Como juiz vou julgar-te e absolver-te
Como banqueiro vou cobrir-te de diamantes para te prender
Sim mas agora onde estamos vamos possuirmo-nos por um instante toda a eternidade
Querendo ou não vamos atraiçoar-nos um ao outro
Um com o outro
Amor é eterno e assim verdadeiro ou falso
Amar é contingente no tempo e constitui-se no tempo como amor
Tarde demais se não for verdadeiro
Uma ainda vez
Ainda uma vez

XXVII

Quero possuir-te debaixo de
Uma árvore cabeluda
E correr um rio de
Dissolução em prazer
Quero, quero, quero
Sou todo uma glande
Nada conheço das profundidades onde desço
Mas sei contar as sensações
Uma, duas, três
Abre os teus flancos, minha amada
Enterra-os bem nos meus
Deixa a vida exprimir-se sem disfarce

XXVIII

Eu sou descendente de Ariadna de Naxos e de Teseu
Ao contrário de outros casais
Foi o Minotauro quem os juntou
E foi a morte do Minotauro
A causa mais profunda da sua separação
Ao ver-se sozinha em Creta
Ela começou a frequentar todos os bares
Muito cedo se recompôs
E a sua escolha recaiu sobre mim
São as mulheres que escolhem
Eu conformei-me
Ensinou-me o abc do amor
Eu nasci sem odor de suor
Mesmo nos mais apaixonados momentos de amor
Sou apreciado e dizem-me “parece muito mais novo”
E eu sei
Em vez de setenta e cinco pareço
Ter setenta e quatro anos
Só espero que o Procurador Geral da República
Não considere pedofilia
Viver com uma mulher de quarenta e três

XXIX

Vamos para a cama
Fazer o que Deus manda
Abracar-nos com fervor
Esmagar-nos com furor
O dever   um prazer
Amor, gosto de ti
Sou teu amigo
Ser s minha irm a
Abracemo-nos a nós mesmos
Ignorando escutar-nos em silêncio
Amanhã serei tu
Fauno vencido, não sei quanto
Filho de mim mesmo
Saberei o que vejo
Ontem fui eu
Violentei e matei
E fui feliz
Porque fui eu
Digo que ontem fui eu

XXX

Se a tua mulher quiseres
Para sempre fiel
Nunca o dedo tires de dentro do anel

XXXI

Quando os amigos lhe disseram
Que sua mulher estava apaixonada por outro homem
Ele perguntou “Que de diferente deveria ela estar?”

XXXII

Se ver-te fosse ver-me
E se ver-me fosse ver-te
E se veres-me fosse veres-te
E se veres-te fosse veres-me exclusivamente
Estaríamos cegos de paixão

XXXIII

Tu não sabes
mas tens uma irmã gémea
E ela és tu
E tu és ela
Quando me insultas
É a ela que eu amo
Mas como ela és tu
É sempre a ti que eu amo e detesto

XXXIV

O escultor de Ibsen da peça
“Quando sonharmos de entre os mortos”
que ocultava sempre um animal
No corpo daqueles que retratava
como te iria representar?
Como uma gazela de quadris estreitos
Pouco herbívora
Andar gracioso
E com garras de leoa

XXXV

No calor do Verão
As persianas corridas mal atenuam a luz
Tu estás nua e fumas o teu cigarro
Do qual se ergue uma fita sinuosa de fumo
De súbito o teu cigarro arde para dentro
O fumo desaparece
E é no meu peito
Que eu sinto a brasa ardente do amor
Que antes era teu

XXXVI

Então a cólera e a ira do ciúme
O sussurro do amor
São como um elogio da sogra
Que oculta uma censura
Mais ou menos velada
E o murmúrio do amor não é do mesmo sangue
Mas a cilada da Natureza e o seu prazer
Cala-nos por instantes o ciúme
Que acabará por surgir num mesmo parentesco de sangue

XXXVII

Partimos para a viagem os três
Em duas motos
A noite amávamo-nos
E era ele que te possuía
Enquanto tu me beijavas no corpo
Com felicidade dobrada
Quando sentias a minha deliquescência

XXXVIII

Estávamos a amar-nos
Quando ela entrou
Surpreendeu-se com cólera e ciúme
E insultou-nos
Mas eu abracei-a ternamente
E contra a sua resistência
Calei as suas palavras apertando os seus lábios contra os meus
Enquanto tu sabiamente te encostavas nua atrás dela
E lhe percorrias o corpo com as tuas mãos cheias de generosidade
Então ela não resistiu mais
E beijou o meu corpo
Enquanto tu beijavas o dela.

XXXIX

És uma grande sedutora
Cantas em modo maior
Ou em modo menor
Mas do amor
O succulento fruto
Já espreme até ao fim
E aninhas entre os teus seios
A abrasadora flor
O verdadeiro sol da meia noite
Dos pares de enamorados
No solstício de Verão de amor

XL

Amor é coisa mental
E logo escravizamos
Aqueles que amamos
Dizemos coisas cruéis
Com o mais suave sorriso
E somos gentis
E ameaçadores
Para salvar a população
Destruímos a cidade
Devorando-nos com voracidade
Apaixonadamente
Sádicos ciumentos
Paixão é coisa carnal
Amor conduz ao céu
Mas o céu da paixão
Está no Inferno
Amor coisa mental e amor coisa carnal
Como o dia e a luz do luar
Duas transfigurações do mesmo sol
Numa só revolução da Terra
Em que ao mesmo tempo triunfam
Dois designados opositores

XLI

Tu és a minha pomba da paz
Branca e roliça
Tu voas até ao horizonte
E trazes notícias da águia e do urso distantes
Porque é de nós
Que depende a vida
Da tua doce condição de amor

XLII

Tinha 1,80, era senegalesa com o nariz grego
E todo o seu corpo se torneava
Até ao êxtase dos olhos
Formavam-se bichas à minha porta
Era necessária a polícia de trânsito
Os correios protestavam
E ela não tinha olhos para mim
Então eu pedi aos deuses que
A transformassem em estátua
Eles acederam
E vim a vendê-la
Depois ao British Museum
Como antiguidade grega
Do período helenístico
Com o dinheiro comprei uma pequena casa
Onde vou visitar a minha amante Patrícia
Quando o marido
Vai para o Alentejo tratar das herdades

XLIII

O ar não tem escolhos nem barreiras
E ao contrário do mar é transparente
Parece que tudo nele deveria circular
Livramento
Porque então
Me não chegam notícias
De ti distante?

XLIV

No meu castelo eu trepo ao alto da torre
E não deixo que nenhum mensageiro
Me dê notícias
Só assim nada de funesto
Chega até mim
Que te diga respeito

XLV

Esta flor que nos damos

Forte é o frágil temporário caule
Que no meu corpo toma funda raiz
Tuas são, e a sua cor, as pétalas, a humidade e a terra
E a semente que perdura
Inesperada flor que em amor cresce
Só existe enquanto se dá

XLVI

Il combattimento

E se os teus lábios se enamorassem dos teu olhos
E se a tua boca só tivesse palavras ternas para o oval do teu rosto?
E se o teu nariz se virasse autoritário para a tua testa
E nada restasse para a tua alma senão submeter-se
A esses admiradores permanentes?
E se os teus ouvidos tivessem ciúme das formas
Que os teus olhos vêem com paixão?
E se as tuas mãos enviassem flores para o teu nariz
Sem os teus olhos saberem?
E se as tuas mãos fizessem charme enchendo de desejo os teus sentimentos?
E se os teus seios se mostrassem inesperadamente
Derrotando o teu cérebro?
E se a tua cintura não resistisse a ser cingida por outras mãos?
E se todo o teu corpo se envolvesse numa conspiração
Cada elemento contra os outros para amor poder ser?
Ah, eu teria a minha chance: oferecia-me para teu espelho
E ao ver-se logo em mim a tua alma talvez cedesse completamente
Convencida e recomposta

XLVII

Canto do General Frank pela morte dos seus soldados

Passa-os pelas tuas armas, Marilyn, passa-os pelos teus encantos.
Passa-os pelas tuas armas, América, passa-os pelo teu charme, América.
Foi assim que tu fizeste aos irmãos Kennedy com a minha ajuda, a do Complexo
Militar-Industrial e do Hexágono, claro.
Mata-os a todos com a ajuda de George W. César e, à noite, quando tremeres de medo,
disfarça-te com a tua árvore cabeluda bem enterrada nesta terra como se lá tivesse raiz.
Fuck this land.
Fuck its guys.
If you do not have holes enough, pierce its skin with your machine gun, screw it from
the head to the bottom, as Copcon commander once said.
As boas armas estão em boas mãos.
Embora tu vejas bem nunca mais verás a América.

XLVIII

Jesus e os Ladrões

Ladrão 1 – O teu ideal de vida acabou por ser parecido com o nosso. Pois não andaste tu a roubar as almas e a querer levá-las para o céu?

Ladrão 2 – Ao menos os nossos objectos deixam-se roubar sem oferecerem resistência. Enquanto que as almas não se deixam roubar com essa facilidade e lutam por fazer sexo, ir às discotecas, comprar perfumes e fatos de marca, como se nós não soubéssemos que no céu há tudo isso de graça e que portanto não precisa de ser roubado.

Jesus – Homens de pouca fé! Eu dei o meu corpo, eu dei o meu sangue. Quem sabe se eu não dei também a minha alma por vós? Quem sou eu para vós?

Ladrão 1- Tu és para mim a verdade e a vida.

Jesus – Não perguntei o que sou, eu perguntei quem sou eu para ti. Sou eu o filho do Deus verdadeiro?

Ladrão 1 – Bem, essa pergunta tem uma resposta difícil. Senão vejamos: tu és imortal. Tu és verdadeiramente imortal. E por esse lado posso dizer que tu és filho de Deus. No entanto não foste tu que nos ensinaste que nós também temos uma natureza divina para além da nossa natureza humana?

Ladrão 2 – Esta situação actual dos portugueses está a tornar-se verdadeiramente interessante, estamos cada vez a lutar com mais concorrência. Agora até os ladrões são imortais.

Ladrão 3 – Bem, a nossa imortalidade é um pouco diferente da dele. Digamos que a imortalidade dele tem carácter absoluto enquanto a nossa é contingente em termos procedido bem ou mal em vida.

Ladrão 4 – Isso não é nada assim. Não é a imortalidade que é contingente, é irmos para o céu com todas as condições ou irmos para o inferno sem qualidade de vida.

Jesus – Todos serão premiados de acordo com o seu mérito.

Ladrão 1- Ouve Jesus, isso não é nada assim. Explica-nos porque decidiste entregar-te à justiça humana e porque acreditaste nela e por isso foste crucificado. Nós passamos a nossa vida a fugir enquanto os outros andam a passear na Avenida da Liberdade ou no Largo de São Bento.

Ladrão 3 – Ouve, Senhor, não passas de um intelectual. Com todo o respeito te digo que não estás muito adequado à realidade do actual governo.

Jesus – Sim, o meu reino não é deste mundo. Mais do que o sofrimento e a morte não consigo aceitar que me tenham roubado os meus sonhos.

Ladrão 1 – Não fomos nós, senhor. Foram os que dizem que acreditam em Ti. São alguns do CDS, do PSD e do PS. Há séculos que é assim. Eles roubam-te os sonhos e trocam-nos por trinta dinheiros. São todos uns Judas.

XLIX

Quero ver-te nua
Como uma rosa desfolhada
Bela como ela
Se vestida de pétalas

**QUANDO NÓS SONHARMOS DE ENTRE
OS MORTOS**

TUBARÕES

L

Atribuíram-me uma bolsa Fullbright-Hayes, o Prof., controlador de direita, chamou-me à junta de energia nuclear. Entrei e sentei-me. Disse-me: “Olhe que nós sabemos as suas ideias”. Respondi: “Elas não mudaram”. Riu-se porque era muito inteligente e sabia apreciar um sarcasmo. Continuou, “Nós esperamos que não vá para os Estados Unidos dizer mal de Portugal”. Respondi, “Eu já digo tanto mal de Portugal em Portugal, porque haveria de ir para os Estados Unidos dizer mal de Portugal? Eu não sou como o Dr. MS”. Riu-se encantado.

Despedi-me cortesmente, certo de que tinha ganho um novo amigo.

LI

O meu colega H.K., finda a experiência no laboratório, conduziu-me até casa à beira do rio no seu velho Opel Kadett. Deixou-me junto a um candeeiro que tinha a lâmpada fundida. Estava completamente escuro, mas como já estou treinado encontrei com facilidade a porta de entrada e entrei para o hall. Caminhava com cautela porque não se via nada. De repente sinto a mão de alguém pousada no ombro. Disse para comigo, vou ser assaltado e perguntei num alemão extremamente cortês “Was möchten Sie?”, o que para a circunstância era uma frase ridícula. Perguntou-me é estrangeiro?; sim, sou português; de que cidade?; Lissabon.

Bonita cidade, estive lá durante a guerra. O que é que faz? Pensei, se lhe digo que sou médico vai julgar que tenho dinheiro. Sou cientista, respondi. Tive então uma intuição e perguntei-lhe e o senhor o que é que faz? Surpreendido respondeu-me “Isso é uma pergunta que não me deveria fazer”. Eu prossegui “Desculpe mas nós os cientistas andamos sempre na Lua”. Largou-me e disse-me “Então suba lá para a Lua e saiu de casa aos gritos. Voltei atrás e quando passou em frente à vitrine de um supermercado vi a figura temível de um homem que caminhava apressado vestido com calças golf e usando um chapéu tirolês com uma pena.

Durante anos pensei no caso na perspectiva de o meu sangue frio o ter desarmado. Mais tarde apreciei o caso de um outro ponto de vista: - se eu não o via, ele também não poderia ver-me com nitidez e assim não podia avaliar se a minha calma era devida a eu estar armado, e na incerteza desistiu do assalto pelo perigo que ele poderia representar.

LII

Quando era estudante de medicina o professor de Psiquiatria mostrou na aula uma doente, que estava internada para sempre devido à sua perigosidade. Era uma luso-australiana, campeã de natação e que detinha uma fortuna pessoal avaliada em centenas de milhares de contos. Quando veio para Portugal dedicou-se a seduzir altas figuras do estado porque era muito bela. Depois submetia esses personagens a chantagem. Foi fazendo carreira sem que fosse possível provar nada contra ela. Um dia transportou os seus três filhos muito jovens até à doca de Belém. Sentou-se na muralha com eles, deitou-se ao rio com o mais novo e começou a afogá-lo e disse que tinha muito frio. Trouxe-o então de novo para terra e esteve a aquecê-lo ao sol. Quando ele já estava quente, meteu-o de novo na água e afogou-o. Fez o mesmo aos outros dois filhos. Foi imediatamente julgada e condenada, considerada inimputável ficando para sempre internada no HJM devido à sua perigosidade, mas dada a sua fortuna no pavilhão de pensionistas. Naquela altura ainda se distribuía o leite e os jornais porta a porta. O rapaz que distribuía os jornais era filho da leiteira. Uma dia dei pela falta dele e perguntei à mãe o que se teria passado com ele. “está preso porque violou uma doente do Júlio de Matos”. A história era a seguinte: sabedor da fortuna da doente e

trabalhando nas obras de conservação do pavilhão de pensionista foi apanhado a ter relações com ela, o que era crime de violação. O seu projecto era, estando ela grávida, seria condenado a anos de prisão, no entanto, quando saísse passaria ele a administrar a fortuna como pai da criança. Foi preso e condenado e os médicos forenses provaram que o filho não era dele. Assim ficou preso e sem fortuna.

LIII

Um médico já idoso telefonou-me pedindo-me que fosse ver o filho porque ele ameaçava matar o seu neto. Fazia chantagem com a mulher dependurando a criança do lado de fora da janela. Armei uma grande expedição com enfermeiros armados com seringas de drogas neurolépticas e tranquilizantes, pedi-lhes que ficassem atentos e subi as escadas sozinho deixando-os à espera de um sinal. Bati à porta e atendeu-me um homem jovem, bem vestido, com um pullover interessante. Disse-lhe: “Não me conhece mas eu sou psiquiatra e seria melhor que me deixasse entrar para eu poder avaliar o seu estado. Espero poder evitar complicações maiores”. Deixou-me entrar e conduziu-me a uma sala onde sua mulher conversava animadamente com um amigo do casal. Entretive-me a falar com os três sobre assuntos banais e como sou capaz de fazer diagnósticos sem nunca perguntar um sintoma e cheguei à conclusão de ele não estaria bem mas não sofria de uma perturbação de nível psicótico como seria necessário para explicar as ameaças de morte ao filho. Alguma coisa não batia certo, despedi-me cortesmente e ele ofereceu-se para me acompanhar ao carro. Assim se fez e durante a viagem eu ia pensando, se ele sofresse de um delírio de ciúme não teria deixado a mulher sozinha em casa com um amigo. Esqueci o incidente. Dois anos depois o telefone tocou na minha biblioteca e eu fui atender. Uma voz jovem feminina disse-me: “devo-lhe uma explicação. Lembra-se daquele doente que foi ver a casa uma noite porque ameaçava a vida do filho? Eu estava farta dele, interessava-me por outro homem e inventei toda aquela história para me ver livre dele”

LIV

Tratava uma mulher extremamente bela e jovem e um dia ela disse-me: “Você é o homem que eu mais desejei em toda a minha vida. Se você não vem para a cama comigo vou ter de deixar de cá vir porque estas entrevistas me fazem sofrer se não o posso ter”. Expliquei-lhe que havia fenómenos de transferência que as pessoas confundiam com o amor. Expliquei-lhe que ela se tinha envolvida comigo apenas porque eu a escutava com carinho e com atenção inteligente e que nessas circunstâncias não poderia abandonar a minha posição de médico para passar para a posição de amante. O tempo passou e um dia um advogado, meu antigo colega do Liceu Camões telefonou-me e disse-me que a M.H. tinha pedido o divórcio ao marido alegando que estava apaixonada por mim e devido à relação que mantínhamos. Assegurei-lhe que nada se tinha passado que justificasse um tal pedido de divórcio, por si mesmo. Todo o problema estava na cabeça dela. Mas dada a sua beleza e sedução julgo que ninguém me acreditou. Mas era verdade.

LV

Durante o PREC eu era muito hostilizado pelos antigos professores. Encontrei o J.M., presidente do científico nas escadarias da faculdade e disse-lhe: “Eu sou vosso adversário mas não vosso inimigo”. Ele respondeu: “Os tempos não vão para essas distinções subtis. Conclui a conversa dizendo: “Vocês estão a tentar destruir a minha carreira na universidade, mas não faz mal. Eu espero que a Parca cumpra o seu dever.

Tendo-lhe desejado directamente a morte despedi-me afavelmente e ainda hoje nos falamos.

LVI

Entretanto, apresentei a documentação para fazer um novo concurso, agora de agregação. Os prazos passaram e não havia sinais de resposta ao meu requerimento de concurso. Procurei J.M. que me disse não ter recebido qualquer resposta dos outros membros do júri pertencentes a universidades diferentes. Não acreditando, telefonei para o Porto e o prof.F.F. disse-me que já havia dado a resposta havia semanas. Perguntei-lhe se me poderia fornecer uma segunda via e ele respondeu-me afirmativamente. Na madrugada seguinte tomei o avião para o Porto, obtive o documento e às 11 horas da manhã já estava de volta. Entrei no hospital e dirigi-me ao chefe da secretaria, o senhor J.N. e para me rir dele disse: “O senhor sabe quem eu sou?”, “Quem o professor é, disse ele perplexo?. “Pois é” prossegui “eu sou o Speedy Gonzalez e agora não me percam mais papeis ou não os façam desaparecer porque dá muito trabalho arranjá-los de novo.

LVII

O concurso teve então início e o júri reuniu declarando por escrito que eu não reunia as qualidades necessárias para poder concorrer ao grau que pretendia obter. Fiz então uma petição ao presidente da república general R.E. em que dizia entre outras coisas que os meus trabalhos mereciam uma menção com a extensão de duas páginas no Tratado de Starling editado pela fundação Gulbenkian, coisa que não acontecia mesmo em relação a Egas Moniz e que se estava a ser vítima de uma perseguição política, verdade é que eu não me considerava com menos patriotismo que ele próprio presidente da república.

LVIII

Entretanto resolvi atormentar o presidente do científico e fui ter com JM no seu laboratório do piso 4. disse-lhe: “Esta manhã quando ia a entrar para o meu automóvel ocorreu-me um pensamento e é dele que te venho falar. Se voltasse a ter o poder que tive em 1975 o que vos faria a vocês que me têm atacado tão deslealmente? Ora, não faria nada, porque não sou capaz de me vingar de adversários usando justificações políticas. Sabes, esta é a fraqueza da esquerda e a força da direita. Ou melhor, esta é a força da esquerda e a fraqueza da direita, porque vocês não prestam para nada.” Ouvia-me lívido, despedi-me então com amabilidade: “Tive muito gosto em estar contigo”

LIX

Depois de me ter seduzido, num momento de uma das minhas deliquescências, ela cravou-me os dentes no peito e disse-me: “Agora vamos ver como explicas estas nódoas negras.” Na manhã seguinte, ainda com a t-shirt vestida, provoqueei o meu melhor amigo para uma briga. Ele ainda hoje não deve saber porquê. Como amigos esmurrámo-nos ritualmente e demos a briga por encerrada. Então eu justifiquei as nódoas negras com os murros que tinha levado. Foi a justificação oficial.

LX

Às vezes dava bailes de carnaval com os meus colaboradores. Qual não foi o meu espanto quando, ao dançar com Maria S. Senti que ela tinha tomado uma tal posição de corpo que o seu sexo estava encostado ao meu e permitia conhecê-lo em todos os seus detalhes. Fiquei envergonhado com o prazer que isso me havia provocado, embora ela fosse companheira de um amigo.

Dei o assunto por encerrado e não tomei conhecimento do que se havia passado.

LXI

Na Alemanha o chefe viajava continuamente de congresso para congresso. Uma tarde ele despediu-se de todos levando os seus papeis. Organizou-se logo uma festa na cave por baixo das enfermarias com os médicos e médicas e as jovens técnicas. Já toda a gente tinha bebido o suficiente e elas estavam ao colo dos médicos numa orgia desenfreada, quando de repente a porta se abriu e entrou o chefe.

Ao olhar para o espectáculo, disse apenas verzeihen (desculpem) e nunca tomou conhecimento do acontecido.

LXII

No Instituto havia uma excelente biblioteca que dava para uma varanda. Ao longo do edifício havia uma escada metálica na vertical sem qualquer protecção e para atormentar a enfermeira de serviço eu inventei um esquema. Ficava a estudar até altas horas, ia cumprimentá-la e depois saía pela escada sem passar pela porta que estava fechada à chave. Na manhã seguinte, antes das oito, batia à porta do lado de fora e ela vinha abri-la. Ao ver-me na rua ficava estupefacta “mas eu não lhe abri a porta durante a noite. Como é que está aí fora?” respondi-lhe “Isso não parece seu. Então a senhora não se lembra de que ontem à noite me abriu a porta e depois de eu sair a fechou de novo à chave?” fiz isto sucessivas vezes e via que ela andava desesperada, até que um dia tive pena dela e lhe expliquei o meu ardil.

LXIII

Trabalhava experimentalmente com gatos em respiração artificial numa preparação encéfale isolé de Bremer. Uma tarde entrou um colega de meu colaborador alemão que ao ver-me perguntou: “Também é prussiano? Pobre gatinho. O que vocês lhe fazem. Então não podiam ir à cadeia buscar criminosos?»

LXIV

DL era muito sensato e humano.

Um dia disse-me: “Você censura-nos pela maneira como tratámos os judeus mas tem de compreender que nós só fazíamos isso porque pensávamos que eles não pertenciam à espécie humana, que não eram humanos.” É só isso.

LXV

Terminámos o trabalho e redigimos um texto abreviado para o congresso de Roma. O meu companheiro levou o texto para ser batido à máquina pela secretária do chefe. Estranhei a demora a dactilografar um texto tão curto e fui ver o que se passava. Verifiquei então que o texto só continha o nome do meu colaborador e não o meu. “Só lá está o seu nome. Não figura o meu”. “Foi o chefe que assim decidiu.” “Não faz mal, eu volto para Portugal já amanhã mas vou contar o sucedido ao Instituto de Alta Cultura em Portugal, vou contar também ao reitor da sua universidade, ao Instituto Goethe e à associação alemã de pesquisa. E estou para ver como o senhor vai realizar as suas provas de habilitation equivalente a professor agregado.

Ficou lívido e disse: “Só o professor é que pode mudar”. O professor, contei-lhe o sucedido e ele disse” “Não senhor, o senhor vai assinar e em primeiro lugar”. Retorqui: “Não, basta-me assinar em segundo lugar, afinal o trabalho também é meu e a ideia foi minha.”

LXVI

O meu concurso de agregação prosseguiu devido a um despacho do ministro da educação SC em resposta à pergunta formulada pelo presidente da república. Não pus traje universitário nem nenhum traje formal, apenas um ligeiro fato azul escuro. Fiz a apresentação da minha lição à escolha, que era inovadora, e cujo conteúdo havia sido considerado como um dos cem melhores artigos do ano pela *Psychiatric Revues*. Quando cheguei ao fim o prof. FF, arguente que me era favorável, colocou a primeira questão: “Como explica que tenha uma carreira científica tão boa e não tenha carreira hospitalar?” Respondi: “Fui aluno de muitos dos senhores e, apesar daquilo que hoje nos divide, reconheço que aprendi nas vossas aulas e acreditei nos vossos conselhos, nomeadamente quando nos encorajavam a fazer investigação. Por motivação própria, eu fiz uma carreira de investigador científico que se pode ver. Os senhores poderão ter uma grande carreira hospitalar, mas não têm carreira científica comparável. Eu, pelo contrário, poderei não ter uma carreira hospitalar, à qual não sou obrigado porque este é um concurso universitário, mas tenho uma carreira científica reconhecida.

Como este é um concurso na universidade e não no hospital, eu sou o candidato e os senhores o júri, mas verdadeiramente quem está a defender a universidade aqui sou eu. O júri agitou-se, a plateia riu-se. O júri reuniu-se durante uma hora e não saía decisão alguma. O que se estava a passar era o seguinte: faziam uma votação, essa votação era-me desfavorável e eu estava reprovado. Então, um dos que me defendiam dizia: lá me enganei, deitei uma bola preta quando queria deitar uma bola branca, o reitor dizia: o voto é secreto, temos que repetir a votação. Estiveram nisto até empatarem oito contra oito. Então o reitor, com o voto de Minerva, decidiu a meu favor. O reitor mandou-me chamar e comunicou-me o resultado à frente dos outros membros do júri. Abracei-o, agradei e sem lhes virar as costas recuei até à porta da sala. O reitor então disse: “É costume o júri abraçar o candidato”. Comentei então: “Se é costume então que ninguém fique hoje sem ser abraçado.

LXVII

Tiveram-me dezasseis anos a dar aulas, posto na prateleira, porque me impediam de fazer trabalho clínico. A pessoa que me substituíra tinha procedimentos desequilibrados e assim, depois de duas petições do pessoal do serviço, foi exonerado. Ao fim de um ano, a direcção do hospital mandou-me chamar e ofereceram-me o lugar de director de serviço. Como poderia eu recusar um cargo pelo qual me tinha batido durante anos. Disse-lhes: “Aceitarei nas seguintes condições: trata-se de uma comissão de serviço de três anos, mas os senhores terão que dar-me a garantia que passados esses anos a comissão será renovada. Por outro lado, vão levantar-se enormes conflitos e os senhores dão-me a garantia de que arbitrarão esses conflitos sempre a meu favor, desde que eu não cometa erros grosseiros.

Nomearam-me, implicitamente aceitando as minhas condições.

No dia seguinte havia um conselho científico. Quando entrei na sala, a sessão já havia começado. O presidente, que usava a palavra nesse momento interrompeu o que estava a dizer e felicitou-me pela minha nomeação. “Que tem a dizer acerca da sua nomeação?”. Respondi: “Nomearam-me para um cargo que no meu entendimento sou capaz de desempenhar com qualidade. Não tenho mais nada a dizer.”

O presidente insistiu: “Nós queremos saber os seus sentimentos a esse respeito neste momento.” Disse então: “O que eu penso é o seguinte – felizmente eu escolhi ser

médico, felizmente eu não escolhi ser juiz. Os médicos tratam os seus doentes em harmonia e cooperação com eles. Os juizes julgam os seus casos sempre numa situação de desarmonia e controvérsia. Como felizmente escolhi ser médico e não ser juiz, eu hoje não tenho qualquer qualificação especial que me permita julgar os senhores. Além disso o meu passado é sempre o passado do futuro.”

LXVIII

Em 1964 fui uma tarde à Praia Azul com a minha filha mais nova. Sentei-a nos meus joelhos e entretive-me a imaginar redes lógicas de neurónios artificiais que pudessem explicar aquilo que o nosso cérebro faz.

Com a rapidez de execução habitual, passado um mês já tinha concluído um trabalho de mais de cem páginas. Mostrei-o ao meu professor inesquecível, Gustavo de Castro, que ficou furioso e disse que aquilo era exercício ilegal da matemática. Fiquei com raiva e mostrei o trabalho ao meu mestre em psiquiatria que me disse literalmente que eu estava louco; mostrei-o ao grande neurologista Corino de Andrade que comentou que na sua opinião me poderia ter saído o totociência; mostrei o trabalho a Sebastião e Silva que me disse que estava tudo certo mas que não sabia se os resultados eram inovadores porque estavam fora da sua área de especialização. Desesperado, fiz um resumo em doze páginas daquelas ideias, juntei separatas de artigos anteriores e enviei tudo para Warren Sturgis McCulloch, acrescentando que desejava trabalhar com ele no MIT em Cambridge, Massachussetts. A resposta lacónica chegou quinze dias depois e dizia: “Venha quando quiser, apressadamente seu, Warren.” Respondi-lhe que ia procurar financiamento para a viagem através de uma bolsa Fullbright-Hayes e ele respondeu que quando soubesse lhe dissesse o dia e a hora do voo. Estaria à minha espera em Nova York para me receber. Assim foi, e quando cheguei com minha mulher e a minha filha mais velha lá estava um senhor muito alto e magro de aspecto envelhecido, com grandes barbas brancas e extremamente bem parecido nas suas feições correctas que pareciam ter sido copiadas de uma escultura grega, com um sorriso bondoso, acompanhado pela sua esposa, oito anos mais nova. Conduziram-nos no seu carro até um restaurante extraordinariamente bom num edifício do século dezoito com uma culinária maravilhosa e logo desapareceram os meus preconceitos acerca da comida americana e dos hot-dogs e dos hamburguers e cheese-burguers. Chegámos à quinta já depois das dez da noite. O número de melgas no meu quarto era incontável. Fiz amor para dar as boas vindas à América e depois estive toda a noite a conversar com Warren. De madrugada ele disse-me: “Quer vir à lenha comigo?”. Surpreso respondi que sim, sentámo-nos num tractor com uma moto-serra e partimos para o bosque. Empilhámos a lenha no tender do tractor e voltámos para casa. Não tinha piscina mas apenas um lago circular com 300 metros de diâmetro onde tomávamos banho completamente nus. Criava catorze cavalos de raça Morgan usando câmaras de televisão nas cavaliças e televisões sobre os móveis da cozinha. Criavam também um bifalo, isto é um cruzamento entre um búfalo e uma vaca. Tinha um piano Steinway na sala de estar, um tapete persa no chão e a lareira cheia de pontas de charuto e de cigarrilhas até meio metro de altura. A placidez dos gatos e dos cães mostrava claramente que reinava grande harmonia naquela casa. Assim começou a minha aventura americana, havia às vezes reuniões estranhas, em que participavam Dick Warren, filósofo, J. Bloom e Bill Killmer, engenheiros electrónicos a sua tarefa era desenhar a trajectória da nave Apolo para a Lua, dando-lhe um impulso inicial que provocava um movimento rectilíneo uniforme que se combinava com o movimento de rotação da terra produzindo uma

aceleração cada vez maior à medida que a distância para a Terra aumentava em resultado das forças de Coreolus. Constantemente jovens talentos entravam no seu gabinete para exporem as suas ideias. Fui convidado para participar na equipe que programava a experiência visual na expedição exobiológica a Marte. Publiquei quatro artigos no ano que se seguiu e lembro-me com emoção como Warren se despediu dizendo: “Foi Deus que juntou as nossas duas cabeças.” Um dia em que almoçávamos com um jovem húngaro promissor apontou para ele e disse morning, apontou para mim e disse tide, apontou para si próprio e disse twilight. Infelizmente dois anos depois tinha morrido.

FAUNOS E NINFAS

LXIX

Conheci-a por razões médicas, ela procurou-me. Era de facto um caso de medicina. Estive a dar-lhe o meu apoio e a usar a esperança como modo de a pressionar para que fosse operada. Tive o consentimento dela, fiz com que fosse operada e na mesma época eu próprio estive numa situação eminente de ficar completamente cego.

Nunca mais a vi até que dois anos passados me procurou. Estava diferente. Tinha sido uma mulher muito esbelta, parecia a Gina Lolobrigida, talvez ainda mais bela. Agora estava mais pesada e parecia mais sensual. Tinha traços de um retrato de Rubens e talvez fosse mais bela ainda que a Cláudia Cardinali. Tinha um rosto estranhamente parecido com ela e uma elegância que era feita de uma sinfonia de curvas a todos os níveis do corpo.

Era uma pessoa estranhamente sedutora e exercia essa sedução continuamente e em toda a parte.

Optámos então por não ultrapassar o nível das carícias. Não é que não obtivéssemos orgasmo, nem tivéssemos um prazer extremo no contacto corporal e não nos despíssemos e não tivéssemos um contacto em todo o corpo. Não tínhamos introdução do falo e nessa medida não consumávamos o acto sexual. Em certa medida isso desculpabilizá-va-nos nas nossas consciências burguesas. Aconteceu então na vida dela que o marido era uma pessoa muito inteligente e se envolveu ele próprio com uma secretária. E essa secretária não tinha de forma alguma uma beleza comparável. Ela começou a assediar o marido e recriminava-o violentamente, fazia ameaças de suicídio, mas eram ameaças reais em que as pessoas tinham que a segurar pois ela estava em risco de despenhar-se de um quinto andar para a rua. Não era simulação. Quem assistia a essas cenas observava que ela estava a sofrer intensamente. Na minha opinião ela estava a sofrer intensamente não só não amava o marido como tinha ciúmes dele. Era uma situação extrema e quase vexatória para uma mulher ao ter ciúmes de um homem. Ou será que o amava e quase estava fora da razão? É um questão à qual neste momento eu não sei responder. A única coisa que sei dizer é que ela fez toda esta manobra intencionalmente e de uma forma calculada, de tal modo que, aparentando estar a ter ciúmes ou ter ciúmes mesmo, a verdade é que com isto conseguia que o marido se sentisse maltratado e se afastasse cada vez mais dela. E ao afastar-se cada vez mais chegasse a uma situação de separação. Ela com esta manobra conservava o seu bom nome. Se ia a uma loja com as filhas exibia-as para mostrar que era ainda mais bela que elas e se via jovens atraentes fazia com que eles lhe rendessem homenagem. Mas fazia-o sempre com distanciamento. Em relação ao seu envolvimento havia um movimento de sedução e fuga constantes conjugados de tal maneira que não houvesse um comprometimento. Comigo não deu resultado e aos poucos dias de me encontrar com ela à despedida dei-lhe dois beijos como de costume, mas depois apertei-a contra mim e deslizei com os meus lábios pela face dela e dei um beijo nos lábios dela com intenção clara de a fazer sentir que a desejava.

Assim aconteceu, teve um primeiro sobressalto de surpresa, mas não me afastou, começou a tremer, e pronto. Eu completei a minha obra com carícias por todo o corpo de modo que não se arrependesse e sentisse estranhamente bem e que o marido pudesse ser um competidor porque eu estava a proporcionar um prazer mais inesperado e

intenso. Havia no entanto dois problemas. Por um lado ela tinha filhos ainda na idade final da adolescência e eu próprio estava numa situação igual e ambos queríamos manter sem grandes conflitos a nossa relação familiar de modo a podermos usufruir da amizade dos nossos filhos, como igualmente proporcionar-lhes um ambiente estável em que pudessem evoluir no seu amadurecimento. Mantinha o seu relacionamento comigo de uma forma oculta e desconhecida de todos. Já mantínhamos relações sexuais completas e ainda ela estava nas suas crises de ciúmes em relação ao marido, o que era meramente estratégico. Parecia um expediente de fitas de ciúmes para criar um ambiente teatralmente apropriado para provocar uma separação em que a opinião pública fosse favorável a ela.

De um ponto de vista sexual era uma pessoa admirável na cama, com uma entrega completa, uma sensualidade trasbordante, um corpo admirável, com uns movimentos da melhor sedução, com um gosto nos perfumes, com delicadeza nas palavras, com uma transformação no corpo quando mantinha relações em que ficava com a face estranhamente congestionada. Parecia que tinha estado a um sol abrasador, os traços da face revivificavam-se e ficavam ainda mais belos do que quando estava em repouso. Era de uma sedução extrema.

Infelizmente perdi o seu amor porque não cuidei o suficiente da relação. Ela zangou-se por uma razão fútil e eu alimentei a zanga. Ela então decidiu separar-se, embora ficasse à espera de uma reconciliação. Em vez disso, quando ela saiu de casa eu, por vingança, fui recapitular as relações íntimas com todas as mulheres que já tinha tido e de quem me lembrei. Parece-me que foi um protesto viril contra a minha submissão em relação à beleza dela e então passei pelas armas todas as minhas amigas mais antigas que consegui levar para a cama. Foi de tal ordem que na banheira se formou um novelo de cabelo ruivo, castanho e loiro, de tal modo que a banheira se entupiu. Ela, que entretanto tinha voltado para casa, acusou-me de ter feito bacanais na minha casa. Não eram bacanais, eram relações em sucessão. Mas então aconteceu o pior de tudo, com falinhas mansas extorquiu-me uma confissão de que tinha mantido relações com aquelas pessoas todas. Fez-me então uma cena diabólica, em que se separou de mim, supremo desprezo e durante a última relação que tivemos vomitou por mim. Por mais que a assediasse nunca mais consentiu em manter um contacto sexual comigo.

LXX

F. foi apresentado a Euridice por L. Era uma ceramista jovem e de grande talento. Na altura, F. vivia numa união de facto com outro artista de quem tinha dois filhos. Aparentemente era uma mulher convencional, mas a verdade inconfessável era que na carteira trazia um preservativo para qualquer emergência, embora isso não acontecesse e se acontecia era de uma forma discreta. Um amigo escultor, particularmente atraente do ponto de vista físico, porque tinha os músculos peitorais em ângulo recto, como acontece nas estátuas gregas, dispunha-se a ir para a cama com ela. Ela recusava, argumentando que ele nunca mais se iria esquecer dela. A verdade era que ela receava não se esquecer nunca mais, com a consequente perturbação para a sua tranquilidade e para o projecto de vida que ela mantinha numa união de facto já com a duração de dezoito anos e com dois filhos.

A estratégia dela era tratar os homens com grande severidade, olhando-os com firmeza fingindo não se dar conta de que estavam a assediá-la, com isso evitava que as pessoas incomodassem muito. Às vezes, um operário que ia a casa fazer uma reparação, apalpava as suas nádegas e ela tinha que se sujeitar a isso. Embora dissesse ao seu companheiro, ele queria evitar o escândalo e não tomava qualquer medida para que não

houvesse consequências penosas para a sua reputação. Era uma mulher pouco informada, não tinha mais que o curso dos liceus. Lia jornais e revistas e levava muito a sério o que lia é certo que lia boa literatura, mas tinha uma falta de informação considerável em relação aos conhecimentos científicos correntes. Não fazia a menor ideia de como os medicamentos actuavam nas doenças psíquicas. Tinha fé nas estratégias e medicinas alternativas e intervinha na comunidade quando se destruíam os habitats naturais. Mantinha-se assim intelectualmente activa, numa fase em que a sua preparação intelectual era muito falsa. Daí resultava que tinha uma opinião sobre todos os conhecimentos com uma atitude muito narcisista, com desvalorização das opiniões e inteligência dos outros. A construção dos seus argumentos fundamentava-se numa excelente inteligência emocional e muito menos numa inteligência racional e lógica, que mais tarde ela se mostrava capaz de dominar, como matéria de um curso superior de filosofia.

Nunca percebeu que em lógica os símbolos são apenas designação das entidades de que se fala e que nada tem a ver com o significado dos conceitos que se aplicam.

F, para a seduzir, entretinha-se a desafiá-la num jogo em que ao mesmo tempo era extremamente insinuante e sedutor e logo a seguir a punha em causa, mostrando que as ideias dela eram completamente erradas.

Era um jogo desigual, porque a preparação de F. era imensamente superior à de Euridice. Para exacerbar ainda mais as emoções de Euridice, apareceu-lhe o “O vermelho e o negro” de Stendal e mostrando-lhe o complexo viril e a inteligência fálica com que ela tratava o seu amante, o que era também o problema de Euridice. Ofereceu-lhe também a “Casa de bonecas” de Ibsen para que ela pudesse reanimar as suas relações com o companheiro. Assediava-a e um dia disse-lhe que se defendesse como pudesse porque ele ia tentar levá-la para a cama. Euridice reagiu com sinceridade e violência e quis cortar relações imediatamente, mas entretanto já havia sido feita uma vultuosa encomenda de cerâmica que iria perder e que tinha importância financeira para Euridice. Ela estava embaraçada sem tomar uma decisão. F. perguntou-lhe se ela não tinha consciência profissional e se ele lhe tinha dito que iria assediá-la que importância tinha isso para o seu trabalho. Podia muito bem realizar a encomenda e ao mesmo tempo defender-se de F.

Acontece que os familiares de Euridice também achavam que não havia qualquer risco, pois F. tinha quase o dobro da idade de Euridice. Ela própria disse que se F. tivesse quarenta e poucos anos se apaixonaria por ele, assim não.

Pois bem, apaixonou-se por ele assim mesmo. A tal ponto, que abandonou os filhos e o companheiro para seguir F. para o estrangeiro. Para conseguir os seus intentos, F. usava estratégias como pedi-la em casamento, o que a deixava desvanecida como acontece à maioria das mulheres que adoram ser pedidas em casamento, porque isso significa que um homem está disposto a suportar tudo para obter as boas graças sexuais de uma mulher. Uma tarde em que Euridice, o seu irmão e o seu companheiro estavam na sala comigo, ela provocou-os dizendo: “F. pediu-me em casamento”. F. ficou embaraçado e a situação era delicada, porque não podia recuar. Não podendo recuar, restava aproveitar a ocasião para criar um assédio ainda mais intenso. F. então disse: “É verdade, eu tenho uma grande admiração por Euridice, tão grande que se eu dissesse o que realmente penso acerca dela, você, o seu companheiro teria que me pôr fora de casa. Ele não mediu o alcance e as consequências e disse: “Está bem, ela nem sequer é casada comigo”. Estava assinada a sentença de morte entre ambos e estava aberto o caminho para a relação entre Euridice e F.

F. escrevia e para se aproximar de Euridice dava-lhe os textos para rever e para passar em computador. Tudo isto servia de ocasião para discutirem os temas sentimentais e os

temas literários. Para radicalizar ainda mais a situação F. declarou a Euridice que dada a enorme diferença de idade que existia entre ambos ele não aceitaria nunca consumir o seu amor por ela e passar a vias de facto sem que fosse ela própria a pedir e portanto a assumir a responsabilidade pelas consequências. F. aproveitava-se da circunstância de ela ir à varanda para apoiar o seu braço e as suas coxas no ombro dela de uma maneira terna embora discreta. Por uma vez ela própria pediu para ser abraçada ao despedir-se. F. por sua vez servia-se de subterfúgios afirmando saber muito bem que era impossível alcançar os favores da pessoa amada dada a grande diferença de idades que existia entre ambos e chegou a chorar uma vez ao falar disso. As lágrimas são muito eficazes para adoçar as fortalezas femininas.

Uma noite Euridice foi a sua casa acompanhada de uma amiga, ia extremamente bem vestida com uma saia comprida e com um enorme decote que deixava ver os seus seios quase por completo. Sentava-se na cadeira alta do bar numa atitude estudada de sedução deixando à vista quase por completo da saia por uma longa fresta que deixava à vista.

L. assistia a tudo sem saber o que dizer ou fazer. Então, num certo momento Euridice pegou-lhe na mão e levou-o para o quarto. Deitou-se num pequeno sofá cinzento e puxou-o para cima dela à espera do que iria acontecer. O que aconteceu foi que F. lhe beijou ternamente os seios, o pescoço, a orelha, a nuca, deixando-a de cabeça perdida, ao mesmo tempo que a acariciava com as mãos por todo o corpo. Acariciou-lhe o sexo de tal forma que ela ficou perturbadíssima e sem ter maneira de evitar ter que dizer que desejava extremamente F.

Estava no entanto de pé a exigência de F. de que Euridice teria que lhe pedir que ele tivesse relações com ela. Como iria ela resolver isso?

Vim a saber que foi da seguinte forma, Euridice foi à tarde ter com ele. F. estava sentado no sofá em calção de banho e sem qualquer outra roupa. Ela entrou e sentou-se sobre a coxa nua de F. F. sentiu então que ela não tinha outra roupa por baixo do vestido e com um sorriso ela levantou a saia e disse que estava completamente nua. Estava então preenchida a condição de que teria de ser ela a pedir para ter relações sexuais. F. tirou o vestido para ter relações e mesmo assim não foi logo que a possuiu. Durante dias apenas a acariciava. Por fim, com uma tremenda erecção foi-lhe produzindo sucessivos e intensos orgasmos até ela ter que gritar assim não vale. Foi tão intenso para ela que ela pediu para que ele tivesse orgasmo e interrompesse a relação. A verdade é que o seu envolvimento sexual estava a ser muito mais intenso do que ela teria esperado e subitamente deu-se conta que a diferença de idades e a relação entre ambos era de natureza de uma paixão física.

Isso já se passou em Cabo Verde. Entretanto ela voltou a Portugal e esteve quinze dias em Albufeira, mas a família não percebeu a situação e rejeitou-a. Foi um erro tremendo, porque ela amava muito os filhos e de certa forma o sexo não era muito importante para ela, porque ela era capaz de obter prazer com qualquer companheiro que fosse. Era uma pessoa capaz de obter vinte orgasmos numa só noite.

Sentindo-se rejeitada voltou a Cabo Verde, mas pedindo a F. que telefonasse ao seu antigo companheiro e que era a ela que ela verdadeiramente amava. Mas F. recusou fazer isso. Mantiveram uma intensa vida sexual em Cabo Verde e finalmente regressaram. Finalmente nessa ocasião disse que iria fazer tudo para se afastar de F. e F. aceitou. Durante um mês não quis saber dela nem lhe telefonou.

Quando a foi ver a Albufeira, no final desse mês, tiveram uma noite maravilhosa. Acima de tudo Euridice tinha sentido ciúmes e desejo durante esse mês. A partir daí toda a relação se estabeleceu e durante dois anos tiveram relações todos os dias das formas mais variadas recapitulando todo o Kama Sutra até que ela se cansou de ter

apenas uma relação não formalizada e quis reconquistar o amor dos filhos. Foi assim que ela interrompeu definitivamente uma relação que teria durado toda uma vida.

LXXI

Era um jovem adolescente muito inexperiente mas com notável fogosidade sexual. Tinha ido ao médico. Durante o tempo em que esteve na sala-de-espera, havia mais mulheres de meia-idade na sala. Então ele, arditosamente, disse em voz alta qual era o telefone de sua casa, para que elas pudessem contactá-lo se se interessassem por ele. Foi observado, seguiu para sua casa e eventualmente o telefone tocou e era uma das mulheres que estava na sala-de-espera e que queria ter um encontro com ele. Foi um encontro violentíssimo, saborosíssimo e que se repetiu duas ou três vezes. Ela dizia é demais, é demais. E de facto acabou com a relação.

LXXII

K. costumava passear com Helena no Parque Eduardo VII. Numa tarde de imenso calor, de repente sentiu um enorme desejo por ela. Sem que nada o fizesse prever, aproximou os seus lábios dos dela e beijou-a demoradamente. Ela ficou furiosa, estava irritadíssima e protestava contra o que tinha acontecido. K. Ria-se divertido e disse que nada poderia haver de mal, fosse o que fosse que estivessem a sentir um pelo outro visto que eram amigos. Helena não cessava de reclamar e fez questão de terminar o passeio amuada. Dois dias depois reencontraram-se e primeira coisa que ela disse foi queres vir comigo para a cama, já aí foi ele que teve de decidir.

LXXIII

Gostava muito de fazer experiências psicológicas e assim quando foi apresentado a uma rapariga belíssima em vez de dizer muito prazer em conhecê-la disse directamente queres vir comigo para a cama. Foram as primeiras palavras que ele disse. Ela respondeu com simplicidade sim e agora o problema passava a ser dele. Via-se obrigado a ter relações íntimas com uma mulher de quem não gostava. Foi bem feito.

LXXIV

M era médico e dava consulta à D. Margarida que vinha de Évora acompanhada pela sua belíssima nora. Uma autêntica estrela de cinema. M. Aproveitava a ocasião para namorar a nora para observar a sogra que assistia a tudo com um sorriso irónico mas sem interferir .

Entretanto M. saiu de Portugal e uma tarde ao dirigir-se para o Hospital de S. Marta deparou-se com a nora da D. Margarida. Ela beijou-o efusivamente e disse-lhe que estava viúva e que o marido tinha falecido num desastre.

Novamente nada mais aconteceu e os anos passaram e um dia quando M. estava a iniciar o seu trabalho A. pediu para falar com ele e disse-lhe: “Há dez anos que o amo e estou apaixonada por si e as minhas amigas dizem que sou muito estúpida por não lho dizer. Foi isto que vim aqui fazer.” M. beijou-a com emoção. Combinaram um encontro para essa noite. Ela levava frutos cristalizados e iniciaram um jogo que consistia em morderem ambos o mesmo fruto até os lábios se beijarem. Está-se a ver

que foi a fome que comer não saciou. Viajaram então os dois para Nova York e durante quatro dias e quatro noites nem saíram do quarto entretendo-se com toda a variedade possível de jogos sexuais.

Ela tinha uma particularidade notável, nas relações sexuais controlava de tal maneira a vagina que no momento do orgasmo apertava o pênis com violência espremendo para dentro dela. Dizia ela que o que se estava a passar entre os dois parecia o “Império dos sentidos”.

LXXV

Cláudia era estranhamente sedutora, mas não conseguia vencer a barreira de M. Então uma noite em que foi procurá-lo ao seu escritório de advogado e não havia mais ninguém no escritório senão uma famosa atriz da Cornucópia, aproximou-se de M. e começou a acariciar o seu sexo. M. protestava e dizia para não o fazer mas ela persistia e quando o sentiu tirou-o para fora e aproximou-se do sexo dela, mas sem poder fazer nada porque estava a gostar muito do que se estava a passar. Enfiou-o nela e tiveram um primeiro orgasmo. Tiveram relações de pé numa autêntica violação dele por ela que o fazia ter prazer. M. ficou perplexo com o acontecido e o pior foi que ela também vinha a sorrir-se. Tinha entendido tudo o que se tinha passado.

LXXVI

Por sua vez Ester sentia-se completamente seduzida por ele. Um dia antes da partida para Londres agarrou-se a M. a querer que ele a levasse para a cama. Perante a recusa dele ela comentou, finalmente eu percebo que você não me quer levar para a cama.

Foi para Londres, mas ficou muito impressionado com o procedimento de Ester.

Do Aeroporto de Heathrow resolveu telefonar-lhe e tiveram um encontro maravilhoso toda a noite. No dia seguinte partiram para Bruxelas e quando voltaram a Portugal levou-a para a estalagem “Ninho de águias” e a primeira vez foi muito rápida o que a deixou desolada, mas ele compensou-a com mais umas vezes. No final perguntou-lhe tive prazer três vezes e tu? Ela respondeu tu não sabes o que é ser mulher, tive prazer mais do que dez vezes. Esta foi a melhor noite da minha vida. A partir daí foi um verdadeiro perigo encontrar-se com Ester porque ela não queria outra coisa senão ir para a cama com ele.

Teresa era uma mulher extremamente bonita, muito branca, cabelos loiros platinados, olhos azuis e lábios muito finos, parecia uma aristocrata decadente. A. era abraçado por ela e ela queria que ele a abraçasse com paixão mas ele ainda estava fiel a uma antiga relação perdida.

Ao ver que não tinha sucesso, Teresa abriu-lhe as calças, tirou o seu sexo e beijou-o de maneira que não tinha experimentado antes e que fazia ter um prazer descontrolado. Quando terminaram ela disse não me custa nada fazer isto e posso fazer isto já outra vez. Era qualquer coisa inexplicável e subtil, da maneira como provocava o prazer, mas tudo resultava dos subtis movimentos dos lábios e da língua. Ele só sentiu algo de semelhante com a magnífica Ana que também controlava todo o sexo com os lábios e com a língua.

LXXVII

L era uma mulher de rara beleza muito elegante de olhos azuis, muito elegante com seios firmes e coxas suaves e macias. Ao fim do dia convidou-me para ir no seu carro e

levou-me até ao Alto de Monsanto. Aí beijou-me com paixão e pôs as minhas mãos nos seus seios. Foi aí que ela resolveu ir mais longe no seu relacionamento com os homens e começou a fazer amor oral beijando o meu sexo. Simplesmente como era uma mulher muito apaixonada apertava-me violentamente o sexo o que também não me desagradava. Produziu em mim sensações violentas que aumentavam a sensibilidade para a vez seguinte só que um dia deu-me um dentada e tive uma enorme perda de sangue e fiquei completamente exausto e devo ter perdido meio litro de sangue. Pior para mim, nunca mais quis repetir uma coisa tão boa, porque tinha medo de me estragar.

LXXVIII

Maria E. era extremamente bonita, elegante e amável que parecia estar sempre em perda e a receber menos do que dava. Um dia quando estávamos na maior intimidade começou a chorar, parei e fiquei embaraçado sem saber o que fazer e ela chorando queria que eu a penetrasse mas eu recusei, ficou revoltada mas não cedi. Na vez seguinte decidiu de maneira diferente, levou-me para a banheira de maneira a que o atrito aumentasse o máximo possível.

LXXIX

No comboio entre Toulouse e Grenoble entrou uma esquiadora no frio da noite, estive a conversar com ela junto à janela, pôs a minha mão na mão dela e deslizei-a sobre os ombros, o pescoço, os seios, a barriga, as coxas e ela contente sem nada dizer. Fechei a porta, encostei-a à porta, levantei as saias e enfiei o meu sexo. Estava rijo, e a expressão dela era de extrema satisfação. A única complicação foi quando o revisor veio bater à porta na estação. Nós saímos sem problemas, fomos para as couchettes e dormimos de mão dada com os nossos corpos a cheirarem intensamente a amor.

LXXX

Maria Francisca era estranhamente ciumenta do marido, procurou-me porque queria apoio para se separar, mas mostrava-se perfeitamente apaixonada e revoltada com as sucessivas aventuras que ele ia tendo. Não me lembro porquê tive que interromper a conversa e antes de retornar resolvi ir tomar um café. Dirigi-me para o elevador, quando não vi Maria Francisca apaixonada por outro homem. Era por isso que ela estava ciumenta. Tinha o cabelo castanho dourado e muito elegante. Adorava ir aos supermercados roubar garrafas de whisky e frascos de água-de-colónia só pelo prazer de transgredir e de roubar. Ia então para o meu gabinete enquanto o marido ia para a sala. Entretinha-se então a beijar-me e a acariciar o meu sexo enquanto o marido esperava. Novamente, só para ter o prazer da transgressão.

LXXXI

Catarina gostava de fazer amor de uma forma radical. Então estendia-se e ficava apoiada só pelas mãos e pelos pés, era assim que gostava de ser penetrada.

LXXXII

Maria M gostava de fazer amor nas escadas. As escadas tinham um patamar que os vizinhos não viam e ela deixava-se penetrar. Ficava tão vermelha como um pimento.

Uma vez o pai dela viu-a nesse estado e riu-se muito divertido porque o seu grau de excitação era extremo. Era uma mulher muito radical, quando houve um congresso em Viana andou à minha procura de hotel em hotel sem me encontrar.

LXXXIII

Aquela vez em que ao serão me obrigaste a ter relações em plena luz onde podíamos ser vistos por toda a gente – estava para vir o pior.

Quiseste uma prova de amor

Fui à peregrinação

Até entrei na procissão

Era uma cerimónia inspirada na Índia

Mas não no Paquistão

Implicava uma crença ínvia

Uma marcha aux flambeaux

Sem brilho nem glamour

Faltavam os gigolos

E não havia uma cover girl

Ao lembrar tal crença imunda

A indignação me inunda.

ÁGUIAS, LEÕES E DRAGÕES

LXXXIV

Nos povos primitivos observa-se uma convicção de que existe uma descendência em relação a um animal designado de totémico que eles admitem ser o ponto de origem da sua linhagem de descendência. Entre nós, os mais ignorantes pensam tirar da águia, do leão ou do dragão as qualidades que, depois de apropriadas lhes conferem a dignidade e o poder que ninguém lhes dá no dia a dia..

Filiam-se nos clubes correspondentes, e cometem os descalços mais apropriados para que possam ser identificados com o animal totémico da sua predilecção, a águia, o leão ou o dragão.

Isto converte-se depois num negócio em que grupinhos de senhores águia, senhores leão ou senhores dragão compram no mercado de escravos uns sujeitinhos com algum jeito para dar pontapés em bolas. Fazem-nos crescer como num aviário e depois vendem-nos a outros grupos com lucros astronómicos. É esse o fenómeno do futebol em Portugal. Tudo o mais é como a crença nos milagres de Fátima que fica para os mais ignorantes e para certos meses do ano apenas. Esses representantes especializados dos animais totémicos dão algumas características de competência futebolística à massa de espectadores que só joga futebol sentada à mesa do café ou em sofás de salão. Nesta altura, um jogador que saiba fazer algumas fintas e dribles vistosos já ganha dezenas de milhares de euros por mês. Mas nunca aprendem a acertar com a bola na baliza. Uma vez eu disse ao Graça que se fosse treinador os obrigava a circular com a bola à volta de postes de cimento e a passá-la por argolas presas a esses postes e a rematar à baliza, que estaria tapada excepto em pequenos quadrados.

Graça observou, é assim que Pélé treina.

Pois é, eu pintava a minha cara de preto se falhasse um penalti, estivessem off side no momento de uma bola para golo, falhasse um passe curto ou longo decisivo ou não soubesse fazer uma triangulação ou uma mudança de flanco e se ainda por cima ganhasse por mês entre vinte mil e oitocentos mil euros.

Para poupar-lhes o sacrifício, entregava-os à ASAE para que ela os considerasse impróprios para consumo e os oferecesse para os negócios do senhor Gato da Costa ou do major Malandrim Nevoeiro. Por fim, solicitava ao Dante que tivesse para eles lugares reservados no inferno.

Depois aplicava este sistema às universidades, às empresas, aos bancos, ao governo, à assembleia e todos ficaríamos com um país mais limpo.